

**VIVÊNCIA DE ATIVIDADES CIRCENSES JUNTO A ESTUDANTES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO E TEMPO LIVRE¹**

Recebido em: 17/01/2009

Aceito em: 21/05/2009

Cinthia Lopes da Silva

Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)
Piracicaba – SP – Brasil

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo refletir, junto a estudantes de Educação Física, sobre uma proposta pedagógica de atividades circenses para as aulas de Educação Física no Ensino Médio. Para isso, parte-se de revisão de literatura e de "descrição densa", caracterizando uma discussão eminentemente qualitativa. O circo deixou de ser uma atividade unicamente profissional e, atualmente, suas modalidades têm sido praticadas por muitas pessoas como forma de lazer-recreação, com fins educativos e sociais. Esse fato implica em uma discussão acerca da aplicação do circo em cada um desses âmbitos e na formação de profissionais que atendam a essa demanda. Com base nas reflexões desenvolvidas, chega-se à conclusão que a vivência de atividades circenses nas aulas de Educação Física no Ensino Médio poderá enriquecer a experiência prévia dos alunos, contribuir para sua formação humana e ser parte de um projeto de educação para o tempo livre.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Atividades de Lazer. Capacitação Profissional.

**EXPERIENCE OF CIRCENSIAL ACTIVITIES WITH PHYSICAL EDUCATION
STUDENTS: REFLECTIONS ON FREE TIME AND HIGH SCHOOL PHYSICAL
EDUCATION**

ABSTRACT: This study's objective is to narrate and analyse an experience of circensial activities with Physical Education students, so as to consider it part of a Physical Education programme in High School. To that end, it starts out from literature review and 'dense

¹ Este trabalho se centra em dados de uma tese de doutorado defendida em agosto de 2008 na Faculdade de Educação Física da Unicamp, sendo orientada pelo Prof. Dr. Jocimar Daolio (Brasil) e co-orientada pela Profa. Dra. Manuela Hasse (Portugal). A pesquisa obteve financiamento da CAPES.

description', thus characterizing an eminently qualitative discussion. Circus is no longer an exclusively professional activity, and nowadays its modalities have been practiced by many people as leisure activities, with social and educational ends. This fact entails a discussion on the applicability of circus in each of these contexts and for the training of professionals to meet with the demands. Based on the reflections here conducted, we concluded that inclusion of circensial activities in Physical Education classes in High School may enrich the students' knowledge; contribute for human training and be part of an educational project for free time.

KEYWORDS: Culture. Leisure Activities. Professional Training.

Introdução

Os profissionais de Educação Física são sujeitos que lidam com os diferentes elementos da cultura corporal (dança, luta, jogo, esporte, ginástica), e as atividades circenses são um elemento a enriquecer e a ampliar as possibilidades de trabalho desse profissional, sobretudo no âmbito escolar, local privilegiado para o desenvolvimento humano e para o acesso e produção do conhecimento. Dentre as instâncias de ensino, as aulas de Educação Física no Ensino Médio marcam a transição do Ensino Fundamental para o Superior ou para o trabalho e, muitas vezes, são aulas com ausência de conteúdos e de propostas inovadoras que instiguem o interesse dos alunos. Diante disso, compreendemos que a vivência e reflexão acerca das atividades circenses pode ser um elemento a enriquecer o que os estudantes já conhecem, favorecendo aos mesmos o acesso a um elemento da cultura corporal a ser vivenciado, debatido e apreciado para que, futuramente, mesmo sem aulas de Educação Física, esses sujeitos possam usufruir desse conhecimento nos momentos de lazer.

Para isso, é necessário que os professores de Educação Física estejam capacitados para viabilizar o acesso dos alunos do Ensino Médio ao conhecimento acerca do circo,

sendo a formação de professores o espaço privilegiado para a realização de vivências e reflexões sobre esse tema.

A discussão que se apresenta é fruto do trabalho realizado junto a estudantes ingressantes no curso de Educação Física da UNICAMP, no ano de 2006. O propósito do trabalho foi compartilhar aulas junto a seis estudantes: *Mar, Mi, Pê, Dri e Gu e Rô*². Todos são jovens, de faixa etária em torno dos 18 anos. As atividades circenses constituíram um dos temas selecionados para o trabalho junto a esse grupo.

Para o desenvolvimento das discussões que se apresentam, inicialmente é trabalhado o problema relacionado às atividades circenses nas aulas de Educação Física do Ensino Médio; em um segundo momento, é feita a descrição da vivência de atividades circenses e reflexões compartilhadas junto aos estudantes de Educação Física; e, por último, a interpretação do que foi vivenciado e refletido junto ao grupo.

Atividades circenses nas aulas de Educação Física do Ensino Médio

O circo, embora seja um conhecimento elaborado ao longo de milhares de anos, é uma arte que se estruturou com entidade própria entre os séculos XVIII e XIX. Segundo Soares (2002), essa atividade exerce grande fascínio na sociedade européia, sendo sinônimo de ousadia, de inversão de valores, de liberdade, resquícios da cultura popular da Idade Média e Renascimento.

Para Bakhtin (1987), na cultura clássica, o sério é oficial, autoritário, associa-se à violência, às interdições, às restrições. Há sempre nessa seriedade um elemento de medo e de intimidação. Pelo contrário, o riso, imagem que explicita o sentido do circo, supõe que o

² Os participantes da pesquisa serão identificados pela primeira sílaba de seus nomes, uma maneira encontrada para manter em sigilo sua identificação.

medo foi dominado. O riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição. Jamais o poder, a violência, a autoridade empregam a linguagem do riso.

Esse sentido do riso e da cultura popular na Idade Média e Renascimento se mantêm nas manifestações circenses do século XIX. Nesse período, a ginástica científica é difundida como uma forma de uso do corpo a partir de uma concepção higienista, de utilidade que tinha como finalidade a preparação dos sujeitos para o trabalho industrial, para a economia de energias, para a construção de um corpo limpo, obediente, saudável, dominado pela técnica e pela ciência.

A ginástica científica é o discurso nascente como contraponto às manifestações circenses, ao divertimento, à liberdade de expressão, porque ao contrário das atividades circenses, a ginástica científica destaca-se pelo seu caráter ordenador, disciplinador e metódico. Assim era o pensamento burguês. Nessa sociedade europeia do século XIX, segundo Soares (2002, p.24), “[...] a atividade física fora do mundo do trabalho devia ser útil ao trabalho. A atividade livre e lúdica, encantatória do acrobata devia ser redesenhada no imaginário popular”.

A imagem e sentido do circo estão circunscritos, portanto, à expressão artística, como espetáculo por meio do corpo, assistido, aplaudido e manifesto ao ar livre, muitas vezes por não encontrar espaços adequados. Dessa necessidade, segundo Duprat & Bortoleto (2007), têm origem às arenas cobertas por uma lona que ganham projeção e se espalham por todo o mundo.

O circo se moderniza e passa por mudanças que contribuem para que essa manifestação ganhe o *status* de “arte”. Nessa modalidade mais recente de circo, a dança clássica, a música e o teatro começam a fazer parte das apresentações circenses. Duprat & Bortoleto (2007, p.174) relatam que nesse novo conceito de circo:

São criadas formas de espetáculos com temas, criam-se novos aparelhos, novos espaços, nova gestualidade, novas técnicas. Diretores de teatro são chamados para dirigir os espetáculos e músicos fazem composições especiais sob medida, toda uma revolução. São as primeiras visões do circo novo.

Diante desse novo conceito, o circo deixa de ser um saber apenas transmitido no interior das famílias, oralmente, de modo tradicional, e passa a ser desenvolvido em escolas especializadas. Essa mudança faz com que esse conhecimento passe a ser mais acessível a um número maior de interessados no aprendizado das atividades circenses, de modo a ampliar as possibilidades de ação dessa arte.

Esse processo de mudança gerou, conseqüentemente, a ampliação das possibilidades de acesso às atividades circenses, deixando de ser uma atividade unicamente profissional e passando a ser praticada por muitas pessoas como forma de lazer-recreação, com fins educativos e sociais. Esse fato implica em uma discussão acerca da aplicação do circo em cada um desses âmbitos e na formação de profissionais que atuem de modo efetivo junto a essa demanda.

A área da Educação Física tem como especificidade o lidar com a cultura corporal e, portanto, pode contribuir para a formação de profissionais que viabilizem o acesso da população ao conhecimento sistematizado acerca das atividades circenses. Essa é uma possibilidade que Duprat & Bortoleto (2007) identificam, sendo o foco desses autores à elaboração de uma pedagogia para o ensino das atividades circenses nas aulas de Educação Física escolar.

Esses autores fundamentam-se em um eixo sociocultural para a elaboração da proposta direcionada mais especificamente ao Ensino Fundamental. Com base nas idéias de Jorge Pérez Gallardo os autores compreendem que há três formas de aplicação dos

conteúdos da Educação Física (vivência, prática e treinamento), sendo que a escola teria como papel o trabalho com os dois primeiros. A vivência seria mais específica dos objetivos da aula de Educação Física escolar, viabilizando o contato dos alunos com as produções culturais, sendo que o refinamento dos conhecimentos poderia ser trabalhado como atividade extracurricular, o que seria, neste caso, a prática das atividades circenses.

Duprat & Bortoleto (2007) sugerem duas classificações para as modalidades circenses: de acordo com as ações motoras gerais e de acordo com o tamanho do material. Na primeira classificação consideram cinco modalidades: acrobacias, manipulações, equilíbrios e encenação. Na segunda, fazem quatro divisões: modalidades com materiais de tamanho grande, médio, pequeno e sem materiais (corporais).

Para exemplificar a proposta pedagógica das atividades circenses, os autores citam o caso dos malabares. Trata-se de uma atividade de manipulação – que se baseia no controle de objetos no ar. Como estratégia pedagógica para uma maior adaptação à Educação Física escolar, os autores sugerem a utilização de “jogos de malabares”. Essa foi uma maneira encontrada para a vivência do malabarismo mediante um certo contexto, que seria o jogo. Um exemplo de jogo mencionado por Duprat & Bortoleto (2007) é o “Desafio dos lenços”, usando como material um lenço por jogador, podendo ser substituído por saco plástico de supermercado para baratear o custo. Sua duração é de 30 minutos e seus procedimentos são:

O jogo começa com a exploração do material por parte dos participantes. É importante ressaltar que o objetivo desse jogo é não deixar que o lenço toque o solo, devendo ser recepcionado antes disso. Os alunos devem manusear o objeto de distintas maneiras: jogando por trás das costas, por baixo do braço, jogando e dando um giro no próprio eixo, entre outras possibilidades. Depois dessa fase e do reconhecimento do material, iniciam os desafios. 1º desafio: abrir o lenço sobre a cabeça; olhando para cima o jogador tentará com um assopro forte manter o lenço no ar. 2º desafio: lançar o lenço, bater uma palma na frente do corpo, outra atrás do

corpo, uma debaixo de uma perna e recepcioná-lo (DUPRAT; BORTOLETO, p. 182, 2007).

Os autores também ressaltam que pode haver inúmeras variações dos desafios propostos, como deixar que os praticantes se organizem em pequenos grupos e proponham seus próprios desafios. Recomendam, ainda, como medida de segurança, que se mantenha um espaço mínimo entre os jogadores para que não se choquem ou se golpeiem acidentalmente ao tentar agarrar os lenços.

Segundo a indicação dos autores, essa proposta pedagógica foi vivenciada por alunos do Ensino Fundamental, e vem sendo trabalhada em cursos e oficinas dentro e fora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Compreende-se que, com a aplicação da referida proposta em aulas de Educação Física no Ensino Médio, os alunos poderão ter acesso a essa manifestação cultural, de modo a atender à finalidade dessa instância de ensino, de assegurar que os alunos adquiram autonomia em relação aos elementos da cultura corporal, para que, mesmo sem as aulas de Educação Física, em sua vida futura, eles sejam capazes de praticar e apreciar atividades físicas, esportivas ou de dança nas horas de lazer (DAOLIO, 2003).

Essa finalidade do Ensino Médio aproxima-se das perspectivas de Waichman (1997, p.112) com relação ao papel dos educadores do tempo livre: “[...] poder influenciar o acesso à liberdade plena. A própria, no início, e a dos outros, depois”. O autor tem como base os estudos de Frederic Munné e centra-se na noção de liberdade plena como ato criador, de humanização, de transformação do ser humano.

Com isso, compreende-se que os professores de Educação Física, ao viabilizarem a seus alunos do Ensino Médio o acesso às atividades circenses compreendidas a partir de um

referencial sociocultural, estariam contribuindo para que os sujeitos conquistem sua liberdade plena, fundamentada em princípios de uma formação para o tempo livre.

Considerando que os estudantes de Educação Física estão em processo de formação profissional, de acesso ao conhecimento que legitimará sua atuação futura nos diferentes espaços, dentre os quais a escola, como esses sujeitos justificam a vivência das atividades circenses no Ensino Médio? Para responder a esta questão, descrevo, a seguir, como foi à vivência de malabares junto aos participantes da pesquisa e as reflexões com eles compartilhadas.

Metodologia

Para narrar como se deu a vivência e reflexões compartilhadas junto aos estudantes de Educação Física opto por fazer o que Geertz (1989) denomina de “descrição densa”. Esse tipo de descrição possui algumas características: trata-se de uma análise interpretativa dos sentidos que os estudantes atribuem aos temas trabalhados e da ressignificação desses temas a partir de nossos encontros e confrontos de conhecimentos. Esse caminho teórico-metodológico é, portanto, uma interpretação dos discursos sociais em um nível microscópico, tendo como foco um grupo social específico que, nesse caso, são os estudantes de Educação Física.

A descrição densa a ser realizada se centrará, portanto, no sentido que os participantes da pesquisa atribuem à vivência de atividades circenses, considerando sua aplicação nas aulas de Educação Física do Ensino Médio.

Para a realização da pesquisa foi obtido o consentimento dos sujeitos e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas.

A vivência das atividades circenses junto aos estudantes de Educação Física

A vivência de atividades circenses a ser descrita foi uma das aulas planejada e realizada junto aos estudantes de Educação Física da FEF/UNICAMP. O trabalho inicial com esse grupo previa a discussão de temas específicos que pudessem ser trabalhados nas aulas de Educação Física do Ensino Médio e que tivessem como finalidade fazer um contraponto às práticas corporais que possuem valores que atendem ao alto rendimento e às informações difundidas pela mídia, como a compreensão das práticas corporais como principais meios para se atingir um corpo belo e saudável.

A proposta era de dar oportunidade aos estudantes de Educação Física de vivenciarem elementos da cultura corporal centrados em valores que atendem à coletividade, à construção de um conhecimento que é patrimônio da humanidade e, portanto, de direito de todos os sujeitos. Trabalhar esses elementos junto a sujeitos que serão futuros professores é uma maneira de viabilizar a eles o acesso a referências de práticas corporais fundamentadas em um referencial sociocultural, sendo parte de um projeto de sociedade que prima pela democracia e pela construção de valores em prol da valorização do ser humano e das produções humanas.

No dia da vivência das atividades circenses, fomos todos para a quadra coberta da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. A aluna *Mar* foi a estudante que conduziu a vivência das atividades circenses; foi ela que, inicialmente, tinha sugerido explorarmos a proposta pedagógica de Duprat & Bortoleto (2007) como forma de aplicação nas aulas do Ensino Médio. Todos os participantes da pesquisa estavam presentes nessa aula (*Mi, Pê, Dri, Gu e Rô*).

A estudante *Mar* iniciou justificando o conteúdo da aula, dizendo que era parte da “cultura corporal”. Depois, pediu para que pegássemos os materiais (bexiga, saquinho de

plástico [de supermercado] e painço³) e foi mostrando como fazer uma bolinha com o material⁴. Seguimos suas orientações, fazendo tudo junto com ela.

Primeiro pegou a sacolinha e encheu-a, cuidadosamente, com painço, até que formasse uma pequena bola, dando um nó para que ficasse já em um formato próximo a uma bola. Em seguida, cortou o bico da bexiga e embalou a bolinha feita de saco plástico e painço com a bexiga. Repetiu a ação para que ficasse mais firme e em formato mais redondo: a bolinha estava pronta. Depois, repetimos tudo mais duas vezes para que tivéssemos material suficiente para arriscar os primeiros malabarismos.

A aluna *Mar*, em pé e segurando duas bolinhas em uma só mão, deu-nos a indicação de lançarmos somente uma inicialmente e, quando esta chegasse ao ápice da subida, formando a parábola, aí então lançaríamos a segunda bola, dando continuidade à tentativa de, mantendo sempre uma delas no ar e a outra prestes a ser lançada, em um movimento cruzado. Seguimos o que *Mar* dizia e mostrava, tentando equilibrar-nos no tatame para que as bolinhas não caíssem ao chão, desviando o passo para as diferentes direções, de modo a manter as bolinhas no ar. De vez em quando, ríamos de nós mesmos quando a tentativa era bem ou mal sucedida. *Mar*, percebendo que boa parte do grupo tinha conseguido atender ao solicitado, propôs que fizéssemos a mesma coisa com as duas mãos e três bolinhas, recomendando que iniciássemos com duas bolas em uma mão e uma na outra, sendo que, em determinado momento, faríamos a passagem de bolas de uma mão para a outra.

Em seguida, *Mar*, querendo propor uma outra experimentação com os elementos do circo, comentou rapidamente que as maçãs⁵ e os arcos podem ser também usados da mesma

³ Uma semente muito utilizada para alimentar pássaros.

⁴ Essa é uma variação prevista na proposta pedagógica de Duprat e Bortoleto (2007), de uso de material alternativo para a vivência das atividades circenses.

⁵ Material que é feito de madeira e muito usada na ginástica artística, com formato de uma garrafa pequena.

maneira que as bolinhas, acrescentando que a mistura de bolas e massas pode facilitar a compreensão do praticante iniciante até que consiga fazer malabarismos só com as maçãs, como que rememorando a forma como ela própria aprendeu a usar esse outro instrumento. Um dos colegas disse que, pela sua experiência, achava mais difícil proceder misturando os dois materiais, porque o peso da bolinha e da maçã são diferentes, reparando a observação de *Mar*.

Depois, *Mar* apresentou-nos outro material usado nas práticas circenses, o “diabolô”, um material com objeto rolante, parecendo um ioiô duplicado. É manipulado por uma linha presa por dois bastões que ficam um em cada mão. O aluno *Pê* foi logo comentando: “eu não via graça nisso assistindo alguém, o bom é fazer”.

Mar foi conduzindo as orientações no sentido de todos compreenderem como passar a linha pelo objeto e fazê-lo girar. O giro do diabolô é provocado pela combinação de movimentos dos dois bastões, sem uma ordem definida ou uma regra que afirme a forma correta de fazê-lo. Por mais que *Mar* arriscasse dar dicas para que a experiência fosse bem sucedida, era difícil fazê-lo girar e, mais ainda, mantê-lo girando. De repente, alguém falou alto: “eu consegui”, e assim *Mar* indicava outras formas de fazê-lo girar, diversificando as possibilidades de manuseio dos bastões; na verdade, mediando as possibilidades de “dar vida” ao diabolô, na tentativa de criar e superar novos obstáculos, viabilizando que os praticantes no fazer e refazer de diferentes formas pudessem inventar maneiras de controle do diabolô, nas manobras para fazer o objeto girar.

Em seguida, *Má* sugeriu a experimentação do monociclo. Eu e ela fomos buscar o material na sala que fica próxima ao tatame. Fiquei observando a tentativa de *Má* de equilibrar-se no monociclo. Sem saber ao certo como ajudá-la na empreitada, fiquei somente perto, mas foi inevitável: assim que deu as primeiras pedaladas, desequilibrou-se e

ocorreu o tombo. Levantou-se rapidamente, dizendo que tentou poucas vezes experimentar o instrumento, e foi logo dando orientações de como poderíamos ajudar, indicando que deveria haver uma pessoa de cada lado acompanhando aquele que fosse experimentá-lo. Assim fizemos, ela também ajudou, e alguns do grupo fizeram a tentativa de andar devagar e com apoio, no monociclo.

Após a atividade, sugeri que fôssemos para a sala de aula, comentar a vivência. Perguntei ao grupo: “como podemos justificar a vivência dos elementos do circo diante de uma aula de Educação Física no Ensino Médio?”. A aluna *Mar* manifestou-se, ao considerar a aula para o Ensino Médio, expôs sua dúvida sobre esse conteúdo nessa instância de ensino, dizendo que a formação na escola pública é voltada para o trabalho e que “o circo perde espaço nesse contexto, os que se interessam procuram fora do contexto escolar”. Em seguida, identificou maior chance de construção desse elemento da cultura na escola privada, pelo fato de “terem mais recursos [financeiros] para isso”, tornando mais viável propostas desse tipo, de “experimentar coisas novas”.

O grupo, seguindo esse eixo de pensar possíveis problemas que impediriam a vivência dos elementos circenses no Ensino Médio, comentou sobre o problema da finalidade dessa instância de ensino, voltado à profissionalização ou o vestibular e, assim, a vivência dos elementos do circo ficaria distante dos interesses da escola.

Segui com os questionamentos, perguntando algo próximo a: “como poderíamos justificar a finalidade pedagógica de uma aula como essa no Ensino Médio?”. A aluna *Mar* respondeu que os elementos do circo estão associados ao “desenvolvimento” e ao “equilíbrio”, à idéia de uma “antiginástica” no sentido de evitar “traumas” para os alunos; a aluna também afirmou que o sentido da vivência proposta não é “uma forma alternativa”, valorizando o ensino dos elementos do circo.

Lembrei a todos do dizer de *Mar* antes da vivência, do uso do termo “cultura corporal”, explicando que, por esse caminho, a aula poderia viabilizar aos alunos do Ensino Médio o acesso ao conhecimento da cultura humana, tendo como particularidade as manifestações corporais. Os elementos do circo poderiam ser compreendidos como construções históricas e culturais a serem vivenciadas e atualizadas pelos alunos. A ênfase da mediação pedagógica foi, portanto, o caminho de identificar os elementos do circo como conhecimentos específicos a serem construídos nas aulas de Educação Física do Ensino Médio.

Tentei dar um último exemplo, mencionando o autor russo Mikhail Bakhtin. Disse que esse autor entende as manifestações corporais no contexto da Idade Média e Renascimento como forma de resistência à cultura oficial, às proibições da igreja, sendo essas as manifestações da cultura popular, que tinham um sentido de renovação para a vida.

Compreensão da vivência de atividades circenses: reflexões sobre a Educação Física no Ensino Médio e o tempo livre

A estudante *Mar* parte da compreensão da vivência das atividades circenses como elemento da cultura corporal, ou seja, como um conhecimento construído culturalmente e acumulado socialmente ao longo dos anos; portanto, um conhecimento que é patrimônio da humanidade a ser trabalhado na escola e de direito dos alunos.

A estudante continua sua fala expondo a tensão gerada, por um lado, no pensar de possíveis dificuldades por parte da escola, em particular da pública, em comprar materiais adequados para que aconteça uma aula como a vivenciada – fator que não pode ser desconsiderado. É fato que, para andar de monociclo, é necessário ter o equipamento, por exemplo. Porém, uma parte da aula foi destinada à elaboração das bolinhas com material

alternativo, para que pudessem fazer os malabarismos: uma alternativa, portanto, para que esse tipo de vivência possa ser realizada mesmo sem ter material já fabricado para essa finalidade.

No entanto, o principal ponto de tensão no grupo foi o problema que identificam da prática de elementos circenses ser conflitante com a finalidade do Ensino Médio, uma vez que essa instância de ensino é voltada à profissionalização ou ao vestibular e, nesse caso, a vivência dos elementos do circo ficaria distante dos interesses da escola, subentendendo-se que tais elementos seriam conflitantes com uma formação voltada à preparação dos sujeitos para o trabalho. Identifico essa observação como um ponto chave para este estudo, uma vez que pensar a preparação dos sujeitos para o trabalho também implica pensar a preparação dos mesmos para o lazer, uma vez que o lazer é parte da cultura vivenciada no tempo disponível e pressupõe a liberação do tempo de trabalho e das obrigações sociais (MARCELLINO, 1990). Ou seja, se considerarmos a escola como uma instituição que tem como finalidade mais ampla a construção de conhecimentos para que os sujeitos possam usufruí-los ao longo de sua vida isso implica refletir tanto sobre a preparação dos sujeitos para o trabalho como para o lazer.

Se as aulas de Educação Física no Ensino Médio, em particular, destinam-se ao ganho de autonomia por parte dos alunos para que usufruam os conhecimentos adquiridos nos momentos de lazer como prevê Daolio (2003), essa disciplina teria como projeto mais amplo construir conhecimentos para que os sujeitos conquistem seu tempo livre⁶, efetivamente. Teria como foco uma formação humana voltada a isso, no sentido de tempo

⁶ No Brasil, entre os autores que participam desse debate, se destacam os estudos de Marcellino (1990). Esse autor compreende o “lazer” como meio e fim para a educação, e prefere utilizar o termo “tempo disponível” em vez de “tempo livre”. Sua argumentação é que não se tem um tempo totalmente livre, considerando que vivemos em sociedade e somos orientados por códigos e normas culturais.

livre como se refere Waichman (1997), como liberdade para a conquista de liberdade⁷, para o desenvolvimento humano, para a criação, para a humanização.

Essa compreensão de formação humana para conquista do tempo livre se configura no dizer da estudante *Mar* quando a estudante destaca sentidos das atividades circenses como “desenvolvimento” e “equilíbrio” – elementos requisitados nas ações realizadas na vivência – e valoriza as atividades circenses como conteúdo pedagógico, enfatizando ser uma “antiginástica”, negando ser um tema alternativo. No uso desses sentidos, estão implícitos textos que se remontam ao contexto do século XIX, em que o circo era uma manifestação humana que fazia contraponto à ginástica científica. Nesse caso, as atividades circenses podem ser compreendidas como contraponto ao controle do corpo, às práticas que enfatizam o uso utilitário do corpo, uso esse que tinha como pressuposto a preparação para o trabalho. Ou seja, o que está em construção é uma justificativa para a vivência das atividades circenses nas aulas de Educação Física no Ensino Médio como parte de um projeto de educação para o tempo livre.

Considerações Finais

Neste trabalho foram desenvolvidas reflexões acerca das atividades circenses nas aulas de Educação Física do Ensino Médio e chegou-se à conclusão de que tais atividades podem ser justificadas nessa instância de ensino como parte de um projeto de sociedade, de educação para o tempo livre. Para chegar a essa conclusão foi considerado o conflito identificado pelos estudantes com relação à finalidade do Ensino Médio de preparação dos

⁷ O autor se refere à concepção de tempo livre como “liberdade plena” e encontra uma saída para lidar com o tempo na oposição obrigações e não-obrigações ou tempo de trabalho e lazer ou, ainda, trabalho e tempo livre. Ele considera como critério a necessidade e a liberdade (autocondicionamento) e se refere a um tempo social que pode variar gradualmente entre necessidade e liberdade. Nesse caso, o tempo livre teria um grau mais elevado de autocondicionamento do próprio sujeito.

sujeitos para o trabalho ou para o vestibular. No entanto, se partirmos da compreensão de que a escola é um espaço privilegiado para a construção de conhecimentos, e que sua principal finalidade é contribuir para que os sujeitos sejam autônomos e críticos no meio em que vivem, a prática e reflexão acerca das atividades circenses seria uma ação educativa em prol dessa finalidade, preparando os sujeitos, nesse caso, tanto para o trabalho como para a conquista da “liberdade plena” nos momentos de lazer.

Essas reflexões contribuem para que os profissionais de Educação Física revejam suas aulas e a finalidade de sua disciplina no Ensino Médio. Também contribui para que os cursos de formação de professores em Educação Física tornem esse debate acessível a seus alunos, no intuito de se prepararem para a atuação no âmbito escolar de modo a assumirem o compromisso com uma educação transformadora, contribuindo para a revisão de sentidos e valores.

REFERENCIAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987.

DAOLIO, J. Educação Física escolar: em busca da pluralidade. *In: _____*. **Cultura, educação física e futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 123-133.

DUPRAT, R. MALLETT.; BORTOLETO, M. A. C. Educação física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. *In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.28, n.2, 2007, p.171-189.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1990.

MUNNÉ, F. **Psicosociología Del tiempo libre**: un enfoque critico. México: Trilha, 1980.

PEREZ GALLARDO, J. S. (Org.). **Educação física escolar**: do berçário ao ensino médio. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

WAICHMAN, P. **Tempo livre e recreação**. Campinas: Papirus, 1997.

Endereço da Autora:

Cinthia Lopes da Silva
Av. Júlio de Mesquita, 590, apartamento 92
Cambuí – Campinas – São Paulo
CEP: 13025-907
Endereço Eletrônico: cinthialsilva@uol.com.br